

## Uma Identidade (não tão) Secreta: O Superman e seu Poder de Criar Identificação<sup>1</sup>

Beatriz Sequeira de CARVALHO<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### Resumo

O presente artigo tem como proposta tentar demonstrar como se dá o processo de identificação do povo americano com o Superman dentro do contexto em que o personagem é criado, no caso a crise econômica dos EUA na década de 1930. Tal processo se daria na medida em que o Superman incorpora o discurso americano de nação, tornando-se um dos símbolos da identidade cultural do país, e se configura como um dos mitos originais americanos ao apresentar um duplo papel social: o de salvador da comunidade e o de homem comum.

**Palavras-chave:** Superman; identidade; identificação; mito.

Os quadrinhos são um produto com raízes populares, assim como sua difusão. Como um meio de comunicação, nasceu nas empresas jornalísticas norte-americanas, no final do século XIX. Desde o começo, sua característica foi a de comunicação de massa, já que atingia um grande público. Segundo Sonia Luyten (1987), as histórias em quadrinhos são de fundamental importância nas áreas de educação e lazer, e até mesmo nos campos da propaganda comercial e política, pois são um ótimo veículo de mensagens ideológicas e de crítica social, explícita ou implicitamente.

Com isso, inúmeros cartunistas levaram à frente um pensamento mais amplo, criando histórias e personagens que retratam, por meio do humor e da crítica social, cada época, cada momento da vida do ser humano da maneira mais direta possível, marcando, definitivamente, os acontecimentos do século XX. Dentre esses personagens, estão os super-heróis.

Segundo uma edição especial da revista *História Viva: Grandes Temas*, intitulada *Super-heróis contam a história do século XX*, os super-heróis dos quadrinhos têm uma “curiosa capacidade de crítica cultural e política que os colocou, desde muito cedo, como testemunhas privilegiadas da história de seu tempo” (FERNANDES, 2014: 03) Estes

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, email: [beatriz.sequeira@usp.br](mailto:beatriz.sequeira@usp.br).

personagens criados dentro da indústria das Histórias em Quadrinhos e suas narrativas elaboradas perpassaram diversos momentos históricos do século XX, refletindo ideologias, questionamentos e sempre lutando contra encarnações malignas de algum problema social existente em determinado período.

Por isso, apesar de possuírem poderes especiais, não conseguem fugir de seu próprio tempo, encarando o mal do hoje e do agora. Este mesmo tempo consegue ultrapassar os superpoderes desses personagens e modificar o passado, fazendo com que o contexto e os inimigos de cada um deles sejam transformados de acordo com a moléstia social daquele momento.

Neste sentido, um dos super-heróis que melhor encarnou os anseios, angústias, medos e vontades de uma população, dentro do contexto em que foi criado, é o Superman. Na época da grande depressão, pós-crise de 1929, o personagem da *DC Comics* tornou-se um forte símbolo da identidade americana.

### **Superman como representante do discurso de uma nação**

O conceito de “identidade” vem ganhando outros significados e proporções com o passar dos anos. Segundo Bauman (2008), a identidade agora se tornou um meio para se entender diferentes aspectos da vida contemporânea. As questões de análise social tradicionais estão sendo dissolvidas e reconfiguradas para se adaptarem ao discurso do que se chama hoje de identidade. As questões sociais, como a justiça e a igualdade, são agora colocadas dentro da noção de “reconhecimento”.

A modernidade transformou a noção de natureza humana, que antes era vista como um legado durável e dado de acordo com uma proposição divina, em uma tarefa, em que todos devem executar da melhor forma que puderem. A predestinação, portanto, foi substituída por um projeto de vida; deixamos de pensar em “natureza humana” e passamos a pensar em “identidade”, que pode ser modificada e adaptada por cada um: vivemos agora em um mundo de autoconsciência e autoafirmação.

Para Stuart Hall (2014), no mundo moderno as culturas nacionais em que nascemos funcionam como uma das principais fontes de identidade cultural. Quando nos definimos como pertencentes a determinada nação, falamos de forma metafórica, considerando que essa identidade nacional não é genética, mas, mesmo assim, pensamos nela como parte de nossa natureza. Apesar de existir enquanto ser autônomo, o indivíduo da sociedade moderna tem a

necessidade de identificar a si mesmo com algo mais amplo – como a própria sociedade, um grupo, comunidade ou nação – e reconhece, instintivamente, esse espaço como o seu lar.

As identidades nacionais não são inatas, e sim formadas e modificadas no interior da representação, ou seja, só conseguimos entender o que significa pertencer a determinada nação devido ao modo como ela é representada enquanto conjunto de significados. A nação funcionaria como algo que produz sentido, na medida em que atua como um sistema de representação cultural. A nação é, portanto, uma comunidade simbólica capaz de gerar sentimentos de lealdade e, principalmente, de identidade. Sem esse sentimento de identificação nacional, o indivíduo da modernidade acabaria conhecendo um profundo sentimento de perda subjetiva. É essa ideia de nação enquanto geradora de identidade que podemos inserir a figura do Superman, especialmente porque, dentro do contexto em que é criado, conseguiu se tornar fonte de identificação para o povo americano.

Este contexto é, no caso, a crise econômica dos Estados Unidos causada pela bolha especulatória de 1929 (HARTER, 2014: 16). O PIB dos EUA cai pela metade e o país mergulhou na depressão. Como consequência da quebra dos bancos, ocorre a redução dos empréstimos e a interrupção do crescimento econômico, que se baseava no crédito. A queda do poder de compra causa graves prejuízos ao comércio, levando a uma superprodução e ao excesso de estoques, o que acarreta na redução dos preços e dos lucros.

Para diminuir as perdas, as empresas reduzem a produção e demitem massivamente seus funcionários, gerando o desemprego, em 1933, de um quarto da população americana. O alto índice de desemprego, sem proporções à época, causou a precarização da vida de milhões de pessoas em um período em que não existia sistema de proteção social. É nessa conjuntura que, em 1938, o Superman é criado por Jerry Siegel e Joe Shuster como aquele que poderia salvar os EUA da crise, na medida em que ele

[...] se vale de certas referências coletivas americanas para seduzir os leitores: o culto ao indivíduo, o gosto pela ação, a valorização do campo e de seus valores em detrimento da cidade, local de todos os perigos, a visão maniqueísta do mundo e ainda a alusão aos vigilantes, os justiceiros que encarnavam a lei nos primeiros tempos da conquista do Oeste. O super-herói faz sucesso porque reflete também as preocupações do momento, quando parecia existir a necessidade de figuras heroicas para vencer os desafios de um período de grandes dificuldades. (HARTER, 2014: 15/16)

As culturas nacionais, formadas por símbolos e representações, funcionariam como uma espécie de discurso usado na construção de sentidos que influenciam e estabelecem não só nossas ações, mas também a forma como enxergamos e concebemos a nós mesmo. Assim,

elas produzem sentidos sobre a nação, sentidos esses que constroem identidades e permitem nosso processo de identificação com esse discurso nacional. “Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam com seu presente em seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 2014: 31)

As diferenças entre cada nação estão nas diferentes formas em que cada uma é imaginada (ANDERSON, apud HALL, 2014). São utilizadas estratégias representacionais que arquitetam o nosso senso comum de pertencimento a uma identidade nacional. Em outras palavras, existe uma narrativa da cultura nacional.

A fonte da identificação do povo americano com o Superman se encontra em sua capacidade de representar o discurso da nação e do pertencimento nacional. Ele é aquele que pode vencer qualquer obstáculo e resolver todos os problemas; é o “herói perfeito” que possui uma origem divina, que pode escapar de qualquer intempérie humana, mas que luta e defende a justiça nos moldes e ideias estadunidenses, incorporando o sonho americano do homem correto e incorruptível. Segundo o documentário *Os Super-heróis dos Quadrinhos* (2005), ele é como um imigrante que chega à tão sonhada terra da liberdade, e o discurso que se criou é de que somente nos EUA ele poderia ser maior e melhor. O Superman acabou se tornando, dessa forma, um dos mitos originais americanos.

### **A construção de um mito: do homem comum ao super-herói**

Segundo Umberto Eco (2008), o conceito de “mitificação” pode ser entendido como uma identificação de determinado objeto com certas finalidades (muitas vezes não racionais), como uma projeção na imagem de tendências, vontades e medos de cada indivíduo, comunidade ou época.

Na sociedade de massa, advinda do processo de industrialização, o processo de mitificação se dá pela identificação privada e subjetiva entre um objeto e uma soma de finalidades com o objetivo de conceber uma unidade entre aspirações e imagens, ou seja, “[...] estabelecer equivalentes icônicos de situações intelectuais e emotivas [...]” (ECO, 2008: 241). Nessa sociedade, os “símbolos de *status*” identificam-se eles mesmos com o próprio *status*, enquanto cada um dos elementos materiais que o indivíduo possui tornam-se símbolos palpáveis desta situação. O objeto passa a ser, ao mesmo tempo, situação social e símbolo ritual em que se condensam nossas vontades e aspirações. É, em suma, uma projeção do que ambicionamos ser.

Nossa época criou imagens míticas feitas para sensibilizar as massas. Nesse contexto, um dos maiores exemplos da mitificação na produção do *mass media* é a indústria das Histórias em Quadrinhos: nela, permite-se a coparticipação popular de um repertório majoritariamente mítico que vem de cima, ou seja, criado por uma empresa jornalística que, ao mesmo tempo, é sensível aos gostos do público e suas exigências.

Para Eco, as HQs têm grande poder de persuasão, comparado apenas à das grandes figuras mitológicas compartilhadas por toda uma coletividade. Isso porque toda a opinião pública toma parte nas criações do cartunista, assim como se participa de questões que dizem respeito à coletividade. Isso cria, dessa forma, um grande processo de identificação. O Superman, nesse contexto, é um dos personagens das Histórias em quadrinhos que melhor encarna esse processo de identificação, especialmente quando falamos do cotidiano e do homem comum.

O herói que possui poderes superiores ao do homem comum é muito corriqueiro na imaginação popular, onde sua virtude se humaniza e seus superpoderes passam a ser a realização de um poder natural. Numa sociedade moderna e industrial, esse herói com características positivas deve também encarnar as exigências de poder que o cidadão comum gostaria de ter, mas não pode satisfazer. Os mais influenciados por essa figura “romanesca” são a pequena-burguesia e os pequenos intelectuais, que acreditam ser ela seu paraíso artificial, em contraste com a vida mesquinha e estreita que levam (GRAMSCI, 1986). Na linguagem do popular, esse “super-homem” contém muitos elementos teatrais e exteriores, mais do que de um “super-herói”: aquele que quer ser parecido com essa figura é aquele que quer ser o primeiro da classe, que tem ambições, mas principalmente, quer ser considerado como o tal.

Apesar de sua origem quase divina, poderes sobre-humanos, beleza, humildade e bondade, sua luta principal é contra as forças do mal comuns ao cotidiano dos homens, tornando-se colaborador das forças policiais. Ele passa a cumprir, nesse sentido, dois papéis sociais no processo de identificação.

Papéis sociais são o que tornam possível a existência das instituições, que funcionam, em contrapartida, como um atestado da presença da experiência dos indivíduos; papéis sociais e instituições são, dessa forma, dependentes um do outro. As instituições implicam ao mesmo tempo história – pois é anterior à existência do indivíduo – e controle – pois estabelecem regras que devem ser cumpridas. (BERGER & LUCKMAN, 2012)

Esses papéis sociais são pré-estabelecidos e, aceitos pela sociedade, levam a uma reciprocidade a partir do momento em que o indivíduo se identifica com o sentido das ações, provocando uma autoconscientização, o que permite o desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo e o seu verdadeiro “eu social”. Em suma, a principal função desses papéis sociais é o de controlar a institucionalização, atuando como legitimadores da sociedade. Essa legitimação, por sua vez, justifica a ordem da institucionalização dando dignidade normativa aos agentes.

Os dois papéis sociais assumidos pelo Superman, nessa perspectiva, são o de salvador de sua comunidade e do homem americano comum. Por isso, sua imagem consegue gerar um sentimento de identificação muito forte por parte do leitor: seu disfarce, o jornalista Clark Kent, incorpora um tipo que parece tímido, não tão corajoso, de inteligência comum e dominado pela personalidade matriarcal de Lois Lane que, apesar de não se interessar por ele, acaba se apaixonando pelo Superman. No sentido da narrativa, essa dupla identidade Superman/Clark Kent permite a articulação variada de suas histórias e, assim, gera um óbvio processo de identificação na medida em que Clark personaliza, de modo bastante típico, o leitor médio de suas aventuras: aquele que se sente torturado e desprezado por aqueles à sua volta, dentro de uma comunidade qualquer dos Estados Unidos e que busca, secretamente, alcançar a magnitude de um super-herói que possa salvá-lo de sua vida medíocre, no caso, o Superman.

Segundo Eco (2008), o personagem das histórias em quadrinhos nasce no âmbito da “civilização do romance”. Enquanto a personagem mitológica da era clássica deveria encarnar uma lei universal e ser, portanto, previsível e não carregar consigo nenhuma surpresa, a personagem da era do romance quer ser “gente como a gente”, ou seja, o que pode acontecer a ela no decorrer da narrativa é tão imprevisível quanto o que poderia acontecer com nós mesmos no dia a dia, assumindo assim um personalidade estética e uma capacidade de transformar-se em ponto de referência para sentimentos e comportamentos que também fazem parte de nós.

A personagem mitológica da estória em quadrinhos encontra-se, pois, nesta singular situação: ela tem que ser um arquétipo, a soma de determinadas aspirações coletivas, e, portanto, deve necessariamente, imobilizar-se numa fixidez emblemática que a torne facilmente reconhecível (e é o que acontece com a figura do Superman); mas, como é comercializada no âmbito de uma produção “romanesca” para um público que consome “romances”, deve submeter-se àquele desenvolvimento característico, como vimos, da personagem do romance. (ECO, 2008: 251)

O Superman não possui adversários a sua altura. Por causa disso, acabou caindo em uma situação narrativa preocupante, já que, em teoria, não haveria possibilidade de um maior desenvolvimento do personagem. Por isso, criou-se o ponto fraco do herói, a criptonita, instituindo para o Superman um paradoxo entre imortal e cotidiano.

Apesar do metal ser buscado com afincamento por seus inimigos para que possam derrotá-lo, o Superman, com sua superioridade física e intelectual, livra-se facilmente desses obstáculos, gerando dois efeitos narrativos: quando o Superman supera o obstáculo na história, ele acaba realizando alguma coisa, e essa realização coloca-o um passo a frente e modifica sua trajetória, aumentando assim suas experiências. O ato de agir para o Superman (assim como para qualquer personagem) significa consumir-se. Contudo, sendo Superman um mito, ele não pode consumir-se, e é aí que a dicotomia se revela: uma personagem imortal não seria mais homem, e sim um deus, o que causaria a ruptura da identificação do público com a sua dupla personalidade.

O Superman precisa, portanto, “[...] permanecer inconsumível, e todavia consumir-se segundo os modos da existência cotidiana. Possui as características do mito intemporal, mas só é aceito porque sua ação se desenvolve no mundo cotidiano e humano da temporalidade.” (ECO, 2008: 253)

### **Considerações Finais**

Existem diversas outras histórias que contam as aventuras de heróis dotados de superpoderes. Entretanto, o Superman é que o possui a personalidade mais reconhecível. Apesar de possuir superpoderes que poderiam derrubar governos, exércitos e alterar até mesmo o equilíbrio cósmico, ele basicamente ignora a “esfera mundo” e, mais ainda, a “esfera Estados Unidos”, ao atuar no nível da comunidade onde vive. Em outras palavras, ele pratica o bem na esfera do cotidiano, combatendo a única forma de mal visível: o atentado à propriedade privada (ECO, 2008: 276) O mal extraterrestre é transitório e efêmero. Já o mal do aqui, do agora, do *underworld* do dia-a-dia é, ao contrário, uma epidemia social; o medo, na narrativa do Superman, está no cotidiano.

Hoje, o medo se liberta de sua vergonha e passa a constituir-se na única emoção capaz de garantir a salvação, ou seja, é o medo a principal ferramenta do homem na luta pela sobrevivência. (REGUILLO, 2000) É assim que um crescimento das formas de eficácia simbólica dos mitos e dos ritos, como forma de reduzir a fragilidade, surge na forma da

esperança. E é por isso que o Superman transforma-se no mito original americano e formador de identidade dentro do discurso de nação dos EUA, pois ele “[...] é o produto de uma América atravessada pela crise, pelas incertezas, mas que nunca desiste [...]” (HARTER, 2014: 19)

Sua influência é tanta que, para alguns, ele possui a mesma função social dos mitos da Grécia e Roma antigas: criaturas excêntricas que lutavam pelos ideais da bondade e da moral. Nós precisamos desses mitos para “[...] nos ensinar virtudes. Ao final, essas virtudes precisam ser encarnadas por uma pessoa. A mitologia sempre desempenhou essa função.” (BROD, apud HARRIS, 2013). O sucesso desse personagem está exatamente no fato de encarnar o ideal platônico do bem.

Desde sua primeira aparição na *Action Comics* #1, em 1938, ele não só foi considerado o personagem que definiria a identidade dos super-heróis norte-americanos (DUNCAN & SMITH, 2009), como também se adaptou aos novos tempos que foram chegando. Depois da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, vira o grande símbolo do “musculoso patriotismo americano” (HARRIS, 2013), enquanto nos anos 1970 recebeu qualidades mais humanas, consequência das turbulências culturais da época.

Entretanto, dentro do contexto da crise econômica norte-americana – objeto do presente artigo -, o Superman tornou-se o principal exemplo de consciência civil e política ao atuar na esfera de uma comunidade fechada. Sendo o mal caracterizado pelo ataque ao cotidiano e ao homem comum, o bem assume a faceta da caridade, obrigando o herói a manter suas empreitadas dentro do âmbito das pequenas e constantes ocorrências diárias. Superando a ficção, ele se tornou revelador da época que o viu nascer e ícone da cultura popular americana, pois “na projeção dos nossos desejos, esperanças e medos, Superman somos todos nós.” (HARRIS, 2013)

### Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade no mundo globalizante**. In **A Sociedade Individualizada** - Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2008

BERGER. Peter & LUCKMANN. Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Vozes. 2012.

DUNCAN, Randy & SMITH, Mathew J., **The History of Comic Books, Part I: Developing a Medium**, in **The Power of Comics** - History, Form and Culture, New York, Bloomsbury, 2009



ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2008

FERNANDES, Dirley. **Editorial**. In **História Viva: Especial Grandes Temas – Super-heróis contam a história do século XX**, São Paulo, nº52, 2014

GRAMSCI, Antonio, **Literatura Popular**, in **Literatura e vida nacional**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1986

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014

HARRIS, Paul. **Porque o Superman continua tão popular?** Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 2013.

Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/1215739-por-que-o-superman-continua-tao-popular.shtml>>. Acesso em: 05 jul. 2014, 20:36:24.

HARTER, Hélène. **Superman - O Salvador da América..** In **História Viva: Especial Grandes Temas – Super-heróis contam a história do século XX**, São Paulo, nº52, p. 14-19, 2014

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é História em Quadrinhos**. São Paulo, Brasiliense, 1987

REGUILLO, Rossana, **Los laberintos del miedo**. Un recorrido para fin de siglo. In **Revista de Estudios Sociales**, No 5, Bogotá, Universidad de los Andes, 2000

Os Super-heróis dos Quadrinhos (Top Ten Comic Book Heroes). Direção Richard Bellfield. Discovery Channel, 2005. 1 DVD (aprox. 50min), color.